

Lucas 15:11-32

Os DOIS FILHOS PERDIDOS
“Um homem tinha dois filhos”

O filho mais novo perdido

A história que Jesus conta seria mais bem intitulada como “A parábola dos dois filhos perdidos”. É um drama em dois atos, sendo o primeiro ato chamado “O filho mais novo perdido” e o segundo, “O filho mais velho perdido”.

O primeiro ato começa com um pedido breve, porém chocante.

O filho mais novo vai ao pai e pede: “*Quero a minha parte da herança.*”

Os que primeiro ouviram a parábola ficaram surpresos com tal pedido.

Não que houvesse algo impróprio na expectativa do filho em relação a riqueza da família. Naquele tempo, quando um pai morria, o filho mais velho recebia o dobro do que os outros filhos tinham de partilhar.

Se um pai tivesse dois filhos, o mais velho receberia dois terços da herança, e o mais novo receberia o terço restante.

No entanto, essa partilha dos bens só acontecia após a morte do pai.

Aqui, o filho mais novo pede para receber a herança *de imediato*, o que era um sinal de profundo desrespeito.

Fazer tal pedido a um pai que estava vivo era quase como desejar que ele morresse.

O filho mais novo pedia, claramente as posses de seu pai, mas não pelo pai em si.

O relacionamento com o pai era apenas um meio de atingir o objetivo de desfrutar da herança dele, mas agora o filho se havia cansado de tal relação. Ele queria partir naquele momento. “Dê-me o que é meu.” A resposta do pai é ainda mais surpreendente que o pedido. Tratava-se de uma sociedade absolutamente patriarcal, em que expressões de respeito pelos mais velhos, em particular pelos próprios pais, eram de extrema importância. Esperava-se que um pai tradicional do Oriente Médio respondesse a tal expectativa com a expulsão do filho da instituição familiar, levando nada menos do que golpes físicos. Mas o pai não faz nada que se assemelhe a isso. Simplesmente *“repartiu sua propriedade entre eles”*.

Para compreender o significado desse ato, devemos notar que a palavra grega aqui traduzida como “propriedade” era *bios*, que significa “vida”. Uma palavra que melhor representasse recursos financeiros poderia ser usada, mas não o foi. Por que não?

A riqueza desse pai consistia basicamente de sua propriedade, e para alcançar um terço do valor avaliado seria preciso vender grande parte de suas terras.

Em nossa cultura urbanizada e de mobilidade, não compreendemos a relação que as pessoas de gerações anteriores tinham com suas propriedades.

Vejamos uma frase do musical *Oklahoma!*: “Oh, sabemos que pertencemos a terra, e a terra a que pertencemos é grande!” Note que a frase não diz que a terra pertence a

quem fala, mas que o *falante* pertence a terra. Essa frase sintetiza a noção de como a identidade das pessoas, no passado, estava ligada ao local de origem, a terra.

Isso tem ocorrido também com times de futebol...

Perder parte de sua propriedade equivale a perder parte de si mesmo, e uma grande parte de seu conceito perante a comunidade.

O filho mais novo, então, pede para que o pai reparta sua própria vida. E o pai assim procede, por amor a seu filho. A maior parte dos ouvintes de Jesus jamais veria um patriarca do Oriente Médio responder de tal maneira. O pai suporta com enorme paciência a tremenda perda de honra, bem como a dor de ter seu amor rejeitado. Geralmente, quando nosso amor é rejeitado, ficamos bravos, fazemos retaliações e tudo quanto possível para diminuir a afeição sentida pela pessoa que nos rejeita, para aliviar a dor sentida. Mas o pai sustenta a afeição pelo filho e suporta toda a agonia.

O plano do filho mais novo

Passemos agora para a segunda cena do primeiro ato.

O filho parte para *uma região distante* e desperdiça tudo o que tem por causa de seu estilo de vida descontrolado. Quando está literalmente com a cara na lama, em meio aos porcos, ele acaba *“caindo em si”*, e traça um plano.

Primeiro, diz para si mesmo: ele irá retornar para a casa do pai e admitir que estava errado e que perdera o direito de ser tratado como filho.

Depois, tenciona pedir ao pai: *“Trata-me como um dos teus empregados.”*

O pedido é um tanto particular. Os servos trabalhavam na propriedade e ali viviam.

Mas os “empregados” consistiam de vários homens do comércio e de artesãos que viviam em vilas e recebiam salário.

Muitos estudiosos acreditam que a estratégia do filho era mais ou menos essa:

O filho mais novo havia desgraçado sua família e, portanto, toda a comunidade.

Ele estava *“morto”* para eles, como descreve o Pai. Os rabinos ensinavam que, quando uma norma da comunidade era violada, pedidos de desculpas não eram suficientes — nesses casos, era necessária alguma restituição.

O filho planeja dizer: “Pai, sei que não tenho o direito de voltar a família. Porém, se você me fizer aprendiz de um empregado seu, então poderei aprender uma profissão e ganhar um salário, para, ao menos, começar a pagar minha dívida.” Era esse o plano.

Em meio ao chiqueiro, o filho mais novo ensaia seu discurso. Quando ele se sente pronto para o encontro, prepara-se e começa a viagem de volta para casa.

Chegamos à última e dramática cena do primeiro ato. O filho mais novo se aproxima da casa, ficando ao alcance da vista. O pai o vê e corre, corre em sua direção!

Como regra geral, os patriarcas honrados do Oriente Médio não corriam.

As crianças podiam correr; as mulheres podiam correr; os rapazes podiam correr.

Mas não o *patriarca*, o honrado pilar da comunidade, o dono da grande propriedade.

Ele jamais levantaria a túnica e mostraria as pernas nuas, como um garoto qualquer.

Mas esse pai o fez. Ele corre em direção ao filho e, abertamente mostrando suas emoções, se joga sobre ele, beijando-o. **II Samuel 6:13-16, 20-23**

Com certeza essa atitude pega o filho mais novo de surpresa.

Desconcertado, ele tenta explicar todo o plano traçado para a restituição.

O pai o interrompe, não só ignorando o discurso ensaiado, mas também o contradizendo imediatamente. “*Depressa!*”, grita aos servos, “*Tragam a melhor roupa e vistam nele!*” Mas o que ele quer dizer com isso?

A melhor roupa da casa era a roupa do próprio pai, um sinal claro da posição restaurada da família. O pai está dizendo: “Não irei esperar até que você pague sua dívida; não irei esperar até que você se humilhe o suficiente. Você não vai ter de lutar por seu lugar na família, irei simplesmente aceitá-lo de volta. Cobrirei sua nudez, sua pobreza e seus trapos com as roupas de meu trabalho e de minha honra.”

Ele ordena que os servos preparem um banquete de celebração com “o *novilho gordo*” como prato principal. Naquela sociedade, a maior parte das refeições não incluía carne, que era uma iguaria cara. A carne era quase sempre reservada para festas e ocasiões especiais. Mas nenhuma carne era mais cara do que a de um novilho gordo.

Tal banquete costumava acontecer apenas nas mais raras ocasiões, e é provável que toda a aldeia estivesse convidada.

O boato logo se espalhou e logo o banquete estava a pleno vapor, com música e dança, todos celebrando a devolução do filho mais novo a vida, a família e a comunidade.

Mas o Pai ainda teria de lidar com a situação espiritual muito mais complicada e entorpecida do filho mais velho no segundo ato. Mas o primeiro ato já desafia a mentalidade dos irmãos mais velhos com uma mensagem surpreendente: o amor e a misericórdia de Deus podem perdoar e restaurar todo e qualquer pecado ou transgressão. Não importa quem você é ou o que você fez. Não importa se você deliberadamente oprimiu ou até mesmo matou alguém, ou o quanto você abusou de si mesmo. O filho mais novo sabia que na casa de seu pai havia “*comida de sobra*”, mas acabou descobrindo que havia também graça de sobra. Não há mal que o amor do pai não possa perdoar e compensar, não há pecado que seja páreo para a graça dele.

O primeiro ato, assim, demonstra toda a grandeza da graça de Deus. Jesus descreve o Pai precipitando-se cheio de amor até seu filho, não apenas antes de ele ter uma chance de se redimir e de demonstrar mudanças em seu coração, mas mesmo antes de ele recitar o discurso de arrependimento. Nada, nem mesmo o arrependimento por si, pode merecer o perdão de Deus. O amor e o acolhimento do Pai são absolutamente gratuitos. Há muitos estudiosos que, focando-se exclusivamente no filho mais novo, concluem que a parábola contradiz a doutrina cristã tradicional.

“Vejam,” dizem, “não há qualquer menção a expiação pelo pecado. Não há explícita a necessidade de um salvador na cruz que pague pelo pecado. Deus é um Deus de amor universal que aceita, incondicionalmente, qualquer pessoa, sem importar o passado.”

Mas se fosse essa a mensagem, Jesus teria encerrado aí a narrativa.

Mas ele não o fez, pois esta não é a mensagem.

Enquanto o primeiro ato nos mostra a gratuidade da graça de Deus, o segundo ato irá nos mostrar o preço dessa graça e o verdadeiro clímax da história.

O filho mais velho perdido

Quando o filho mais velho ouve dos servos que o irmão mais novo retornou e foi readmitido por seu pai, ele fica furioso. Agora, será a vez de ele desrespeitar o pai.

Ele se recusa a participar do que talvez seja o maior banquete e o maior evento público jamais realizado pelo pai. Ele fica do lado de fora, publicamente demonstrando que não aprova as ações de seu pai. Essa atitude força o pai a sair para ter com seu primogênito, algo degradante para se fazer quando se é o senhor das terras e anfitrião do grande banquete. O pai suplica para que o filho mais velho participe, mas este continua a se recusar. Mas por que o filho mais velho fica tão furioso?

Ele se mostra especialmente perturbado pelo custo de tudo o que está acontecendo. Diz: “Você jamais me deu um cabrito que seja para festejar, como ousa dar a ele o novilho?” O novilho gordo e apenas um símbolo; entretanto, já que a soma do que o pai fez fora muito mais custosa que o novilho.

Ao admitir novamente o filho mais novo na família, o pai o torna novamente um herdeiro, com direito a um terço da (agora bastante reduzida) riqueza da família.

E tal fato é absolutamente irresponsável aos olhos do primogênito. **Mateus 20:1-16**

E ele continua a elencar motivos: “Eu me matei de trabalhar para merecer o que tenho, mas meu irmão *nunca* fez nada para merecer coisa alguma; em verdade, ele mereceu apenas sua expulsão e, no entanto, você o cobre de riquezas!

Onde está a justiça em tudo isso?” E por isso que o filho mais velho se refere a seus próprios feitos. “*Nunca desobedecei às tuas ordens! Portanto, tenho direitos!*”, diz ele. “Eu mereço ser consultado em relação a tudo isso! Você não tem o direito de tomar essa decisão sozinho.”

E assim, a fúria do filho mais velho o leva a insultar seu pai ainda mais.

Ele se recusa a se dirigir ao pai com os modos respeitosos que se deviam aos superiores naquela cultura, especialmente estando em público.

Ele não diz “estimado pai”, mas simplesmente “*Olha!*”, o que equivaleria a um “Escuta aqui! “Em uma cultura onde o respeito aos mais velhos eram tão importantes, tal comportamento seria inaceitável. Um equivalente nos dias de hoje seria um filho escrever uma biografia escandalosa, que arruinasse a reputação e a carreira do pai.

Por fim, chegamos ao desenlace.

Como o pai irá responder a rebeldia declarada do filho mais velho?

O que irá fazer?

Um contemporâneo e conterrâneo desse pai talvez deserdasse o filho na hora.

Em vez disso, o pai responde novamente com incrível ternura: “*Meu filho*”, começa, “Apesar de você ter me insultado em público, ainda quero que você participe do banquete. Não deserdarei seu irmão, mas também não quero deserdá-lo.

Eu o desafio a engolir o orgulho e a participar do banquete. A escolha é sua.

E então, você vem, ou você fica?”

É um apelo inesperadamente gracioso e dramático.

Será que a família finalmente se reunirá, retornando à unidade e ao amor?

Os irmãos se reconciliarão?

Conseguirá o filho mais velho ser amolecido pela incrível súplica, reconciliando-se com o pai?

Exatamente quando todos esses pensamentos nos passam pela cabeça, a história termina! Mas por que Jesus não termina a história e nos conta o que aconteceu?!

E porque o verdadeiro público dessa história eram os fariseus, os irmãos mais velhos. Jesus pede que seus inimigos respondam a sua mensagem.

Qual é a mensagem? A resposta para essa pergunta surgirá conforme avançamos pelo nosso estudo, procurando entender os pontos principais que Jesus queria que fossem aprendidos. Para resumir, Jesus redefine tudo que pensamos que sabíamos sobre a ligação com Deus.

Ele redefine o pecado, o que significa estar perdido e o que significa ser salvo.